

DEPOIMENTO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE LEITURA E CRÍTICA DOS  
POETAS DE ORPHEU*Eduardo Lourenço<sup>1</sup>*

**Nota dos Editores:** Depoimento concedido à Professora Dra. Lilian Jacoto na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, no ano de 2015, transcrito por Roberta Ferraz e editado por Luiz Melques.

A minha geração descobriu o Orpheu graças ao fato de que a geração anterior tinha descoberto, verdadeiramente, a geração que hoje nós chamamos de Orpheu. Havia uma revista dos finais dos anos 20, chamada *Presença*, que foi muito importante para a geração a que eu pertencço. E essa gente admirava muito o seu diretor, o poeta chamado José Régio, mas havia também, entre eles, gente que se definiu como uma “geração crítica”, onde instalaram um interesse pela crítica sistemático e organizado, que até então não havia.

O maior crítico desta época, o crítico que tinha uma tribuna nos jornais, era o próprio João Gaspar Simões, que é o autor da *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. O José Régio era poeta e crítico, um grande crítico, uma espécie de mestre da geração que nos precedeu. E, depois, um mais novo, que era o Casais Monteiro, um grande poeta, que mais tarde foi para o Brasil, onde morreu. Um poeta que, neste momento, está um pouco esquecido das novas gerações, mas é provavelmente o poeta que ficou mais próximo da geração do Pessoa, propriamente dita, e da geração do Orpheu em geral. Morreu muito solitário no Brasil. Mas era certamente o crítico mais moderno daquela geração e aquele a quem pessoalmente eu sou o mais devedor.

Essa geração redescobriu Pessoa, se assim se pode dizer, mas ao mesmo tempo, Sá-Carneiro. Essa revista (*Presença*) publicou os *Indícios de Ouro*, de Mário de Sá-Carneiro. E o Sá-Carneiro, para nossa geração, de 20 e poucos anos, foi “a descoberta”, como se tivéssemos descoberto Rimbaud, algo assim.

Do ponto de vista poético e de invenção literária e até do desafio àquilo que é percepção da poesia enquanto poesia clássica – um desafio muito grande, com imagens um pouco delirantes, sublimes muitas vezes. E foi aquele que viveu a sua própria experiência, enquanto sujeito poético, enquanto homem, etc. Ele morreu muito jovem. Ouvimos hoje o prof. Arnaldo Saraiva falar do suicídio de Mário de Sá-Carneiro, suicidou-se muito jovem.

---

<sup>1</sup> Professor e ensaísta português. Lecionou em diversas universidades, sendo a última delas a Universidade de Nice, na França.

Também por isso.... há uma tradição em Portugal de grandes poetas que se suicidaram, o mais célebre de todos é Antero de Quental, que também teve muita influência no Brasil, no século XIX.

E essa vida trágica de Sá-Carneiro pôs nele uma espécie de selo, um selo que só a tragédia pode conferir a uma vida, e muita gente jovem se reconheceu nesse suicídio, como se fosse o suicídio de *Werther*, literário no tempo do Goethe. E ficamos apaixonados por aquela obra.

Fernando Pessoa veio depois, quando se começaram a publicar as obras dele, nos anos 1942, 1943. Começou a sair a poesia ortônima, embora essa revista já tivesse publicado algumas coisas do Fernando Pessoa, por ocasião da morte dele. Diga-se de verdade, quase todos os grandes poemas de Pessoa já tinham sido publicados na revista *Presença*. O mais célebre de todos, “A Tabacaria”, por exemplo, já tinha sido publicado. Às vezes, a obra de um poeta é uma visitação, um resumo, uma síntese de tudo o que ele escreveu, um poeta está sempre em tudo quanto ele escreve, mas mais em certos poemas, mais grandiosos, mais pertinentes para o leitor. Portanto, foi uma grande descoberta, muitos de nós ficamos sempre como uma espécie de adoradores de Pessoa.

Para mim, neste momento da celebração do Orpheu, que tive a sorte ou a pouca sorte de viver tantos anos depois deles, é uma coisa quase dramática estar aqui a celebrar uma gente que foi, durante tantos anos, a nossa paixão, a fixação, como se diz em psicanálise. Mas enfim, a verdade é que não podemos fazer de conta que essa geração não existiu, não nos marcou. Não sei se as novas gerações já leram a obra e reencontraram aí as mesmas surpresas, mesmas vertigens, mesmos desafios, profundos, que para nós foram essas poesias de Mário de Sá-Carneiro, de um lado, e Pessoa, do outro.

Penso que, durante muito tempo, este colóquio e o outro, que será no Brasil, vão juntar um pouco tudo que nós temos. Uns que já não têm nada a dizer, que é o meu caso, mas as novas gerações têm, porque são novas e vão ler aquilo que nós lemos provavelmente de outra maneira.

Mário de Sá-Carneiro também é uma poesia de alguém completamente desorbitado e que tem a tragédia de um eu que já não tem aquela certeza de sua total realidade que todas as gerações anteriores, a geração anterior teve, inclusive a romântica. E ele é um hiper-romântico, que deseja tudo, a vertigem daquilo que não tem, mas é tudo que sumira, queimara-se, em contato com a realidade, seja ela qual for, foi o que ele fez. Há um autor,

alguém mais próximo da minha geração, que é o poeta David Mourão Ferreira, que fez uma espécie de leitura simbólica e curiosa do Orfeu e seus dois protagonistas. Há o protagonista que é Dédalo, criador do labirinto, e Ícaro, um personagem que, filho de Apolo, quer subir aos céus e queima as suas asas. Mourão Ferreira associou o Sá-Carneiro ao Ícaro da sua geração, alguém que queria sair dele próprio e explorar o mundo. Alguém que se queria aproximar do sol e queima-se nessa aproximação, como o famoso personagem no mito.

Nosso Pessoa é a verdadeira novidade. No Sá-Carneiro, o paradigma seria o de uma poesia moderna, de estaturas românticas, Baudelaire, Rimbaud, etc. São antecedentes ou referentes possíveis da experiência de Mário de Sá-Carneiro. Fernando Pessoa é outra coisa, é alguém que põe em causa a aventura mesma da poesia, como se as palavras não podendo realmente dizer o real, tornassem o dizer um defeito. Eu acho que o Fernando Pessoa leu e compreendeu, como ninguém naquela época – e não sei se ainda hoje, ele era de formação inglesa – a figura maior da literatura inglesa, um autor chamado Shakespeare. É esta ideia de que o homem, na sua vontade de dizer a essência da realidade, de alumiar, de acalantar, não consegue realmente dizer. Ele pode dizer o que nos separa disto, mas não aquilo que capta esses momentos, que são momentos vívidos, paradisíacos. É um poeta que põe em causa, essencialmente, mesmo o mito da poesia. É uma aventura estética, verdadeiramente metafísica, metafísica religiosa, em última análise.

Não há conceito no grupo, mesmo para quem não confere nenhuma realidade de jeito nenhum ao referente dele, o termo “deus” é o mais ambíguo de todo o texto de Fernando Pessoa. Há muitas versões do que é para ele “deus”. Uma coisa é o deus da *Mensagem*, outra coisa é o deus do *Fausto*, por exemplo, em que há um deus totalmente obscuro, transcendência absoluta: não pode ser dito, não pode ser imaginado, um deus parecido com o deus da mística clássica do Ocidente. Portanto, é uma aventura de uma dimensão absoluta, tanto para o tempo dele, como para qualquer outro tempo. E é por isso que ela desperta tantos ecos.

Curiosamente hoje, é a primeira vez que tive contato, que se fez a referência, ao mito que os poetas quiseram reencarnar. O mito do Orfeu é o mito da poesia mesma e os seus limites. Ele é aquele que encanta toda a natureza, e ao mesmo tempo, vai ter a sua realização com o objeto mais positivo, mais divino de toda a criação, Eurídice, e ele vai realizar aquilo que nenhum homem pôde realizar, que é de ser realmente a sua morte ou

para recuperar-se para si mesmo. Curiosamente o Orfeu, o mito Orfeu – porque ao todo, é um mito da Antiguidade Clássica - ao mesmo tempo, quando o cristianismo aparece, se fizeram conotações entre o mito de Orfeu e o Cristo morto que ressuscitou no terceiro dia. Onde estava nesses três dias? Desceu aos infernos, para resgatar as almas daqueles que já mereciam realmente ser ressuscitados, mas que não havia mediador para essa ressurreição. O Orfeu é um pouco aquele que quer resgatar da morte o seu amor.

Curiosamente, estes poetas ou poetas-pintores, como o Almada, todos eles foram sensíveis ao mito do Orfeu. Tirando o Almada, penso eu que foram todos Orfeus sem Eurídice. Não têm a musa, há qualquer coisa intermediária, vaga ou já uma musa de certos plurais, que não sabe muito bem. O Almada Negreiros não, os referentes dele profundos são os da pintura moderna, que enquanto pintura revolucionária modificou a nossa imagem e a nossa representação do real. Cézanne é aquele que quer fazer uma representação como se uma representação fosse uma variante, na descrição mais objetiva do mundo, em formas geométricas, de onde saem estas, parecidas com as clássicas ou modernas, como a pintura do Picasso, aquela que foi a mais revolucionária do seu tempo, no século XIX. E Almada também fez uns painéis dedicados ao mito do Orfeu. Ele é a pessoa mais difícil de interpretar dentro da mitologia genérica do Orpheu. De fato, sua expressão é a pintura e é um homem das coisas visíveis, quer dizer, não tem essa problemática de uma ausência original ou qualquer coisa que por esse motivo mesmo não é visível, nem representável. Portanto, ele é uma espécie de Alberto Caeiro sem metafísica nenhuma, que tem o próprio sentido.

Ele não precisa de toda essa passagem do discurso para dizer que uma flor é uma flor, como expressões do divino. Quer dizer, a realidade “é” a qualquer que tenha uma vidência. O que precisa é que nós sejamos inocentes e ingênuos, para estar à altura desta revelação que é a criação mesma e é tudo quanto a gente vê, tudo quanto a natureza nos oferece.

O Pessoa não. O Pessoa é, realmente, uma criatura no 2º grau, eu não sei quando ele era pequeno... eu penso que ele já jogava a heteronímia... que... intencionada a ser outro, a distinguir-se, não por nomear... E é muito profundo isto, de dizer “quem nos nomeia são os outros”, não temos nomeação por nós próprios, não sabe quem és, os outros que nos dão os nomes... e depois tem que se aguentar, a vida inteira, os nomes que nos deram...